

Nº 104

A PARÁBOLA DO RICO E LÁZARO

E O CONCEITO TEOLÓGICO SOBRE A

PALAVRA HADES

Mais sobre a palavra “hades”

Comentário Teológico sobre a palavra hades: Nas traduções mais antigas da Bíblia não se encontra a palavra HADES nos textos considerados, mas a palavra **yanatov, que significa morte**. A palavra Hades substituiu a palavra **yanatov** para satisfazer a teologia católica.

Sobre o emprego dessa palavra em **1 Coríntios 15:55**, **Edílson Valiante** em uma Monografia sobre a palavra Hades, pág. 27 (1978), declarou:

“A passagem de Paulo de **1 Coríntios 15:55** apresenta um problema de crítica textual. Na leitura feita na Septuaginta, encontramos também nesse verso a palavra **Hades**, no vocativo.

As traduções mais antigas da Bíblia, antes das descobertas do século XIX para cá, traziam a palavra “inferno” como sendo tradução de hades.

Porém “Com estudos feitos na área da crítica textual, valendo-se das importantíssimas descobertas de:

Tishendorf,



verificou-se que a palavra usada não era Hades, mas a palavra yanatov (morte). Este estudo foi baseado nos mais fidedignos manuscritos descobertos até hoje.

Porque Jesus usou a palavra hades e não a palavra yanatov?

Jesus baseou esta parábola numa crença comum entre os judeus, mas contrária às Escrituras. Como os judeus estavam acostumados a extrair ensinamentos de crenças mitológicas; **Jesus falou na linguagem deles**. Esta crença havia sido trazida da cultura de Babilônia, Egito e nações circunvizinhas e ampliadas nos escritos e ensinamentos orais dos mestres fariseus.

Essa era a crença comum nos dias de Jesus, sobre a existência de um lugar de habitação dos mortos, mas eram ensinamentos humanos.



Jesus usou a palavra hades na presença dos fariseus para mostrar a fragilidade de suas crenças que eram fundamentadas em ensinamentos humanos, porque **os judeus, principalmente os rabinos sabiam que as Escrituras não defendiam a ideia de um “HADES” como lugar de tormento para os mortos.** Jesus já os havia censurado quanto aos seus erros doutrinários.

Repreensão de Jesus às crenças farisaicas

Mateus 15:1, 6-9, 13-14 - E assim invalidastes, pela vossa tradição, o mandamento de Deus.

Hipócritas, bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo:

Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim.

Mas, em vão me adoram, **ensinando doutrinas que são preceitos dos homens.**

Ele, porém, respondendo, disse: **Toda a planta que meu Pai celestial não plantou, será arrancada.**

Deixai-os: **são condutores cegos**: ora, se um cego guiar outro cego, ambos cairão na cova.

O que Abraão representava para os judeus?

João 8:39 e 53 - Mateus 3:9. Por outro lado, os judeus colocavam Abraão acima de Jesus: **“Nosso pai é Abraão ... És maior do que o nosso Pai Abraão ...?”**

São Lucas 16:29-31 - Nesta parábola, Jesus põe na boca de Abraão as palavras que este haveria de ter dito em pessoa: **“Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tão pouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos”.**



Nota: Jesus **ressuscitou Lázaro e mesmo assim não creram**, mas fizeram um conselho para matarem a Jesus.

Um povo que não queria ouvir

O povo judeu, influenciado pelos fariseus, ouviam seus líderes, seus rabinos e filósofos, mas não ouviam a Jesus e os profetas. Disse-lhes Abraão na parábola:



Lucas 16:27-29 - E disse ele: Rogo-te, pois, ó pai, que o mandes a casa do meu pai, pois tenho cinco irmãos, para que lhes dê testemunho; a fim de que não venham, também, para este lugar de tormento. **Disse-lhe Abraão: Têm Moisés e os profetas: ouçam-nos.**

Moisés profetizou sobre Jesus

Deuteronômio 18:15 - O Senhor, teu Deus, te despertará um profeta do meio de ti, dos teus irmãos, como eu; **a ele ouvireis;**

Lucas 16:30-31 - E disse ele: Não, Pai Abraão; mas, se algum dos mortos fosse ter com eles, arrepender-se-iam. Porém Abraão lhe disse: **Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tão pouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite.**

A parábola e a ressurreição de Lázaro

S. João 11:43,45-48 - E, tendo dito isto, clamou com grande voz: **Lázaro, sai para fora.** Muitos, pois, de entre os judeus, que tinham vindo a Maria e que tinham visto o que Jesus fizera, creram nele.

Mas alguns foram ter com os fariseus, e disseram-lhe o que Jesus tinha feito.

Depois, **os principais dos sacerdotes e os fariseus formaram conselho e diziam: Que faremos? Porquanto este homem faz muitos sinais.**

Se o deixarmos assim, todos crerão nele, e virão os romanos, e tirar-nos-ão o nosso lugar e a nação.

Linguagem da personificação

É comum a Bíblia personificar seres inanimados.

Por exemplo:

Juizes 9:8 - as árvores se reúnem para nomear um rei.



2 Reis 14:9; 15 - “O cardo ... mandou dizer ao cedro ... Dá tua filha por mulher a meu filho”.

Habacuque 2:11 - “Porque a pedra clamará da parede, e a trave lhe responderá do madeiramento”.

Lucas 10:40; Mateus 3:9 - “Se eles se calarem, as próprias pedras clamarão”

Ver Jó 12:7-8 - Mas, pergunta agora às alimárias, e cada uma delas te ensinará; e às aves dos céus, e elas te farão saber; ou fala com a terra, e ela te ensinará; até os peixes do mar te contarão.

Da mesma forma Jesus usa figuras irreais para ensinar verdades de salvação.

Objetivos de Jesus quanto a parábola

O objetivo de Jesus não era que os elementos fossem considerados de forma literal, com relação à vida após a morte, mas sim os **2 princípios gerais que se destacam nesta parábola:**

1º. Que a recompensa se baseará na conduta adotada enquanto se vive.



2º. E que o importante é obedecer à Palavra divina, e não confiar em nossa raça ou origem, nem mesmo sendo carnalmente “filhos de Abraão”.

Razões porque essa parábola não pode ser considerada literal

Surgimento da doutrina sobre o inferno

É clara a intenção dos teólogos de concretizar na mente das pessoas a ideia de um inferno literal, como destino para aqueles que morressem desligados da salvação.

Segundo Paul Johnson, em seu livro História do Cristianismo, “os escritores pastorais eram muito mais específicos a respeito do Inferno que do Céu; escreviam como se tivessem estado lá. Os três grandes doutrinadores medievais – Agostinho, Pedro Lombardo e Aquino – insistiam em que as penas infernais eram tanto físicas quanto mentais e espirituais, e fogo de verdade tomava parte dos tormentos” (2001, pág. 413).

Teólogos que defenderam ser o inferno um lugar literal e de destino após a morte para pessoas infiéis ao catolicismo

Agostinho



Pedro Lombardo



Thomaz de Aquino



Próximo estudo: A verdade sobre a cafeína